

## APRESENTAÇÃO

Ao apresentarmos este número da Revista Muiraquitã nos dirigimos aos professores, estudantes e demais pessoas interessadas com a clareza dos significados e importância desta publicação para as reflexões sobre nossas Amazôniaas no mundo atual e sobre o mundo atual em nossas Amazôniaas. Os artigos aqui dispostos estão conectados com nossas atividades no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade quer seja como ressonâncias dos diálogos das atividades de ensino e outras experiências de sala de aula, quer seja pelas incursões no campo das pesquisas, ações de extensão e pelas parcerias que temos conseguido implementar com colegas de outras instituições e localidades – no interior, nas bordas e para além das fronteiras do estado nacional.

Uma parte dos textos que compõem este volume foram escritos e apresentados em diferentes contextos, mas somente agora, com a retomada e regularização das edições de nossa revista impressa temos condições de disponibilizar ao público. Isso indica, em certa medida, os dilemas de nossa “modernidade amazônica”, a refletir paradoxos de tempos e temporalidades outras, no tenso jogo do revelar/ocultar de nossas vivências nos tênues limites que separam/unem nossas florestas, cidades e rios. Pensamos mesmo que a insistência em editar uma revista impressa em um estado amazônico que não conta com gráficas para edição de livros e em uma época de profusão das publicações no *cyberspace* reflete um pouco dos paradoxos aos quais nos referimos.

Este número de retomada editorial da Muiraquitã traz as marcas zig-zagueantes dos percursos e dos projetos editoriais que ficaram no meio do caminho. Intenções, desejos e expectativas interrompidas por ausências de condições objetivas, mas, fundamentalmente, por subjetividades que se nutrem de representações regionais calcadas em lógicas amazonialistas e colonizatórias retroalimentadas pelas noções de “distância”, “isolamento geográfico”, “deserto”, “inferno/paraíso”, “indolência” e “carências” diversas. Uma espécie de síndrome da atávica e circunstancial “comunidade amazôni-

ca” a acomodar o corpo e a jactar-se na subalternidade do espírito.

Incorporados de outras tentativas editoriais e de debates acadêmicos, tão necessários para nossa coletiva produção e difusão de conhecimentos e saberes, os textos de Aldrin Moura de Figueiredo (Flechas com ponta de aço: imagem, política e historiografia indigenista na Amazônia nas primeiras décadas do século XX), Célia Collet (A escrita alfabética e o xamanismo indígena), Agenor Sarraf Pacheco (Cartografia do trabalho na cidade-floresta), Jones Dari Göettert (Poesia, imagens e discursos: gentes cantadas, mostradas e faladas - possibilidades de ler gentes e lugares em margens e fronteiras da geografia), Mary Pratt (*Travelling languages: toward a geolinguistic imagination*) e a impactante entrevista com Stuart Hall, gentilmente cedida pelas professoras Heloisa Buarque de Holanda e Liv Sovik, se articulam e ampliam a proposição do projeto original da revista: abrigar estudos, leituras e interpretações sobre literaturas e humanidades amazônicas e “um pouco além”, parafraseando Samuel Benchimol.

Com a mesma intensidade, atendendo à nossa chamada, as repostas dos demais colaboradores, enviando seus artigos e contribuições possibilitaram chegarmos a este feliz encontro de textos e autores, intervenções e reflexões formatadas nas páginas que seguem. É com essa convicção que destacamos e chamamos a atenção para os importantes escritos de Francisco Bento da Silva (Moral e cotidiano: vadiagem e prostituição no Departamento do Alto Acre, 1904-1920), Marcela Orellana (*Ojos chilenos y mapuches: la fotografía sobre el mapuche de Gustave Milet de fines del XIX*), Gisela Maria de Lima Braga Penha (A linguagem poética na sala de aula), João Carlos de Souza Ribeiro (Modulações conceituais dos multiversos em literatura: os labirintos hipertextuais), Leopoldo Bernucci (Reinado de horror: tortura na Amazônia durante o Ciclo da Borracha), Micael Côrtes (Pensar a “problemática da espacialidade” para as práticas teatrais na escola – um desafio para o professor-artista), Miguel Ângelo do Carmo (A questão da literatura: obra e autoria em Michel Foucault), Milton Chamarelli Filho (O cinema *avant la lettre*: as imagens pró-cinematográficas) e Gerson Albuquerque em co-auto-

ria com Raquel Ishii (A Amazônia acreana de Abguar Bastos).

Com esta edição impressa, que temos a intenção de manter nos números seguintes, também lançamos o projeto e o primeiro número da versão eletrônica, com a perspectiva de alcançarmos um público maior de leitores e de colaboradores, potencializando espaços de diálogos fraternos, de vozes ecoando por entre nossas diferenças, fortalecendo laços internacionalistas nas experiências concretas do viver e intervir no mundo contemporâneo. Nesse sentido, também é nosso objetivo constituir ambientes de engajamento e produção de outras narrativas e interpretações do mundo no tempo presente, o “tempo de agora” benjaminiano: narrativas e interpretações proféticas, profanadoras de sacralizadas verdades e racionalidades de mercado; narrativas e interpretações articuladas na presença de todas as línguas e de todas as culturas, tendo como fonte de inspiração o legado do poeta, filósofo e ensaísta antilhano Édouard Glissant, que nos indicou a necessidade de “mudar ao mudar com o outro” sem nos perdermos ou deixarmos de ser o que somos.

Rio Branco, Acre, inverno amazônico de 2013.

**Gerson Rodrigues de Albuquerque**

Editor